



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

A DISTOPIA DA GLOBALIZAÇÃO

Gabriela Sá Coqueiro Sampaio
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: sampaio gabrielaadvocacia@gmail.com

Isadora Magalhães Tanajura de Oliveira
Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR), Brasil
Endereço eletrônico: Isadora.magalhaes@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um desmembramento de pesquisas independentes desempenhadas pelas autoras acerca das temáticas da pobreza, desigualdades sociais, direitos humanos e justiça distributiva. Trata-se, em última análise, de leituras comparadas, que buscaram compreender os impactos da Globalização na vida da comunidade humana.

Esse desmembramento se justifica, primeiro, pela necessidade de realizar um recorte histórico da atualidade, delimitando a organização, as estruturas e a mentalidade do homem, dito, globalizado, para a aplicação em outras pesquisas e, em segundo lugar, porque as leituras levadas a cabo denunciam o aspecto perverso da Globalização, de manutenção das estruturas de opressão e aumento das desigualdades sociais.

Daí então que o objetivo dessa pesquisa foi o de verificar, a partir das leituras selecionadas, se a Globalização cumpriu os seus propósitos, enquanto utopia de um mundo melhor para todos ou se, de fato, trata-se de uma grande distopia pós-moderna.

Bauman (1999), retomando o trabalho de Kenneth Jowitt, nos lembra que “[...] ao longo de toda a era moderna nos acostumamos com a ideia de que a ordem é equivalente a ‘estar no controle’[...]” (BAUMAN, 1999, p. 57). Entretanto, com o fim do Grande Cisma, representado pela queda do Muro de Berlim, o mundo deixa de ser uma totalidade e passa a ser um lugar de forças dispersas e díspares. E é a essa desordem que foi dado o nome de Globalização.

A palavra-chave era a “universalização”, que significava produzir uma ordem numa escala universal e a esperança de um mundo globalmente melhor, tornando as



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

condições de vida ou as oportunidades iguais para todos. Nada disso, porém, sobrou no conceito de Globalização.

Ao contrário, ela significou uma reestratificação a níveis mundiais, construindo-se uma nova hierarquia sociocultural, através das quase soberanias, divisões territoriais e segregação de identidades; da redistribuição dos privilégios, de riqueza e pobreza, de recursos e impotência, de poder e ausência de poder, de liberdade e restrição, conforme Bauman (1999).

Essa reestratificação pode ser traduzida, por exemplo, no fato de que os 20% mais ricos da população consomem os 90% dos bens e serviços produzidos, enquanto que os 20% mais pobres consomem apenas 1% (BAUMAN, 2014). Essas e outras tantas cifras nos permite perceber que enquanto a desigualdade planetária (entre economias nacionais) segue diminuindo, a distância entre os mais ricos e os mais pobres segue crescendo, ou seja, “[...]os ricos, e especialmente os muito ricos, são cada vez mais ricos, enquanto que os pobres, e especialmente os muito pobres, são cada vez mais pobres” (BAUMAN, 2014, p.20 - 21).

Milton Santos (2009) retrata que o mundo globalizado se apresenta conforme três perspectivas possíveis: como fábula, como perversidade e como possibilidade. A Globalização como fábula é aquela que as mídias nos fazem crer: a da aldeia global, da contração do espaço e do tempo, graças aos prodígios tecnológicos da velocidade – como se o mundo estivesse ao alcance das mãos –, da humanidade desterritorializada, e da cidadania universal, com o desfalecimento das fronteiras e a necessidade da “morte do Estado” para a melhoria da vida dos homens e das empresas.

Mas a utopia dos benefícios da Globalização só é protagonizada por alguns, notadamente àqueles que são fluidos como o capital. A velocidade não está a serviço dos locais; as fronteiras de outrora construídas com tijolos e cimento, continuam mais fortes do que antes, porém agora são invisíveis e porosas, fazendo com que globais turistas possam transitar tranquilamente, enquanto os locais “vagabundos” continuam excluídos e confinados às mazelas de sua localidade (BAUMAN, 1999). Não só a cidadania global se torna pura retórica, como também se destrói a cidadania nacional, com a minimização do Estado, que passa a se abster de prover o essencial para seus residentes, em prol da agenda neoliberalista do capital global.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



Nesse contexto, é que Santos (2009, p. 10) fala da face perversa da globalização imposta à maior parte da humanidade, com um desemprego crescente, aumento da pobreza e diminuição da qualidade de vida das classes médias, fomes, epidemias generalizadas e o aprofundamento dos males espirituais e morais, como egoísmos, cinismos e a corrupção. Essa Globalização que se revela, em verdade, na grande distopia da pós-modernidade.

METODOLOGIA

O trabalho é de natureza bibliográfica e baseia-se na análise do pensamento de Zygmunt Bauman e Milton Santos acerca do fenômeno da Globalização. A partir da leitura comparada do material selecionado, foi utilizado o método dedutivo, com inserções de natureza crítico-reflexiva, fundadas em outros textos acadêmicos, para o aprofundamento da discussão e alcance dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Notadamente, as ideias de Bauman e Milton Santos acerca da Globalização têm certo grau de proximidade. Ambos retratam o fenômeno como uma “face de dois gumes”, benéfica para um grupo estrito de pessoas e perversa para a maior parte da comunidade humana. A diferença marcante entre os autores é que o primeiro possui uma visão mais pessimista acerca dos fenômenos apresentados, enquanto que o segundo apresenta uma terceira via, ou seja, “uma outra globalização”, que enalteceria as misturas de povos, raças culturas e gostos, favorecendo a sociodiversidade (SANTOS, 2009).

Paradoxalmente, a Globalização que se propunha a universalizar e romper barreiras do espaço e do tempo, em vez disso sedimentou a imobilidade dos miseráveis, confinando-os em novas barreiras visíveis (presídios, novos panópticos) e invisíveis (falta de oportunidades e de recursos básicos para a vida digna). Melhor, portanto, como conclui Bauman (1999), seria falar em *Glocalização*, posto que “[...] as riquezas são globais, a miséria é local – mas não há ligação causal entre elas, pelo menos não no espetáculo dos alimentados e dos que alimentam” (BAUMAN, 1999, p. 72).

Santos (2009) chama atenção para a convergência de momentos possível com as novas tecnologias de comunicação, o mundo se torna um todo interligado e a hora do



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

relógio parece ser a mesma. Se os momentos convergem, o risco converge e é repartido para todos, daí que se algo não vai bem na bolsa de valores de Nova York, podemos sentir seus efeitos daqui. Essa mesma mídia, tanto em Milton Santos quanto em Bauman serve aos interesses dos atores hegemônicos, tornando mais visível o paraíso globalista e invisível sua face perversa.

Quando os miseráveis aparecem nos meios de comunicação, são protagonistas de um espetáculo de horrores, retratados em locais distantes e ermos, onde não há civilidade, para onde os avanços não chegaram. Fora da Globalização, o que existem são imagens de guerras, assassinatos, drogas, pilhagens, doenças contagiosas, refugiados e fome. Os afligidos por esses males são monstruosos, feios e indesejados pelos de “dentro”. São culpados pela sua própria sorte e sua miséria tem causa em si mesma, nunca associada com os paraísos artificiais dos globais. Assim é que “[...] a parte desenvolvida do mundo cerca-se de um cinturão sanitário de descompromisso, erguendo um Muro de Berlim global [...]” (BAUMAN, 1999, p. 73).

A criação de novas fortunas está cada vez mais desassociada do antigo modelo “restritivo e vexatório” da produção de coisas, do processamento de materiais, criação de empregos e direção de pessoas. E, uma vez desassociados das conexões com os locais e cada vez mais livres das regulações estatais, o capital tem menos amarras e menos compromisso com a assistência aos locais (BAUMAN, 1999).

O mundo globalizado em Bauman (1999) é um mundo de turistas e vagabundos. Dos que se movem ao seu bel-prazer e dos que se movem porque não tem escolha. Os primeiros tem passe livre em qualquer lugar, os segundos são indesejados. Para os vagabundos, ou seja, os que não consomem, os que não são globalizados, o mundo é um lugar inóspito. O turista precisa do vagabundo para se manter turista, entretanto, a visão do vagabundo estremece o turista, por saberem que há apenas uma linha tênue que os separa em um mundo de incertezas (BAUMAN, 1999).

Daí a obsessão pela “lei e pela ordem” dos turistas. Daí a criminalização da pobreza, recorrente extermínio de parasitas. Daí a ausência de alteridade e o pavor do diferente. Daí o contínuo sentimento de insegurança e medo (SANTOS, 2009) e o apelo pela construção de novos modelos prisionais que isolem completamente as figuras indesejadas, não como ferramenta de combate ao crime, mas por ser um poderosíssimo

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

símbolo de impotência, incapacidade e dor para aquele que foi proibido de mover-se, em um mundo de andarilhos e viajantes, conforme Bauman (1999).

CONCLUSÕES

Verifica-se, a partir das leituras e das inferências críticas-reflexivas, que a Globalização é um grande paradoxo. Ao passo que promete a universalização, a convergência de momentos e a ruptura das distâncias, promove uma casta diferenciada do resto, detentora da maioria dos bens e serviços produzidos no mundo e alheia a grande maioria excluída dessas benesses. Ao passo em que anuncia o fim dos territórios e das burocracias do Estado na vida do cidadão, destrói as garantias de efetiva cidadania nacional e os freios ao capital desinteressado e explorador das populações locais.

A era da mobilidade é também a era da imobilidade, a era da liberdade é também a era da escravidão do consumo e dos trabalhos mal remunerados, a era dos viajantes é também a era dos andarilhos, que não tem outra opção, senão viverem como nômades. A era da falta de barreiras é também a era dos muros invisíveis da indiferença, a era dos meios de comunicação, é a era da desinformação. A era das tecnologias de segurança é a era do medo.

A Globalização, portanto, se processa como utopia para poucos e como uma distopia para todo o resto, arquitetada de modo que o primeiro mundo não tenha relação ou qualquer responsabilidade sobre a perversidade do outro mundo, aquele dito não-globalizado. Essa é a outra face da globalização: uma realidade de opressões e privações para os pobres fadados à localidade.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização; Distopia; Pobreza.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **¿La riqueza de unos pocos nos beneficia a todos?** Barcelona: Paidós, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 18ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO